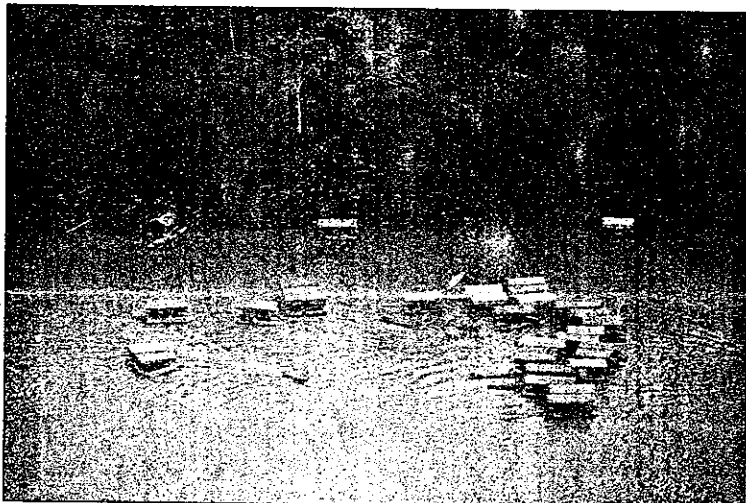


Garimpobrás

Governo "estatiza" em Roraima e não resolve o conflito entre yanomamis e garimpeiros

RENAN ANTUNES



PAR: SIO ANTUNES/AGRAM



TANGIO MATOS/AGRAM



1977 - 1984 Os primeiros 50 anos passaram voando

Saiu mais um pacote sócio-ecológico do governo Sarney. Desta vez a promessa, difícil de cumprir, é demarcar as terras dos índios yanomamis na Amazônia, retirar delas 50 mil garimpeiros que as ocupam ilegalmente há quase dois anos e proibir o uso de mercúrio nos garimpos de ouro, poluidor dos rios.

As medidas foram anunciadas em Manaus, na semana passada, pelo ministro do Interior, João Alves, num teatrino destinado a tranquilizar a consciência nacional. Na mesma linha do esquecido programa "Nossa Natureza", lançado no auge dos protestos contra as queimadas na Amazônia, ano passado. Também, desta vez, cede às pressões dos movimentos ambientalistas internacionais, agora reforçados pelos de defesa dos direitos humanos - cada vez mais o

mundo fica sabendo da guerra silenciosa que yanomamis e garimpeiros travam na selva.

O governo anuncia, também, a criação de uma estatal para o setor - o que deixa claro que o garimpo em área indígena vai continuar. Essa "garimpobrás", antes de ser uma piada, é uma tentativa de o governo ficar com a parte do leão. Roraima produz, hoje, duas toneladas/mês de ouro - 90% dele em área yanomami. Um grama está cotado a NCz\$ 17. O grosso da produção sai do Estado para os investidores no Rio, São Paulo e Exterior, sem qualquer controle e sem pagar impostos.

Para quem está longe das matas do Amazonas e Roraima, onde a nação yanomami (nove mil índios) enfrenta 50 mil garimpeiros, pode parecer que, desta vez, o governo vai intervir para

Guerra na selva

A aldeia com as barcas ao fundo e, no detalhe ao lado, um invasor típico da região que deveria ser território yanomami

acabar com os conflitos e disciplinar as atividades. Mas, se quisesse, o governo teria acabado com os problemas no nascedouro.

A Funai baixou portaria, 23 dias antes da promulgação da Constituição, reduzindo em 70% a área yanomami - para escapar à decisão constitucional que garantiria aos índios "as terras que eles tradicionalmente ocupam" (ver mapa). Sarney homologa esta decisão e imediatamente o Exército se atira à ingente tarefa de demarcar 19 áreas descontínuas para os yanomamis.

Se o ouro tem esta força no Palácio do Planalto e nas casernas,



TANGIO MATOS/AGRAM

imagine-se o que não faz em Roraima. O governador Romero Jucá, até há pouco presidente da Funai, agora está mais confortável, e defende abertamente o garimpo. No preâmbulo de um decreto que editou na semana passada, reconheceu que o garimpo ocorre na área indígena, mas sugeriu "uma solução negociada".

Os personagens deste drama brasileiro resumem bem a história, que remonta a novembro de 87. Foi nessa época que o mineiro João Monteiro, um preto velho, desdentado e zarolho, bamburrou (achou ouro) no rio Catrimani. Ele entrou discretamente em Boa Vista, mas meia hora depois explodiu. Fechou a melhor boate da zona, tomou um porre amazônico e deu a notícia aos berros na madrugada. Todo mundo acreditou, porque ele pagou a conta com pepitas de ouro.

Em poucas semanas chegaram milhares de garimpeiros miseráveis, vindos de todos os grotões do País, a maioria de garimpos já esgotados. Até a semana passada ainda chegavam a Boa Vista cerca de 200 por dia. Esta gente fica pelos bares e praças, nas portas das agências de colocação, esperando um "tocador de serviço", o equivalente ao gato das zonas rurais, o contratador de bóias-frias. Só com um tocador se consegue

uma vaga em balsa (para extração mecânica nos rios) ou num barranco (extração manual, às margens dos rios e igarapés).

Não é fácil conseguir emprego. Dos 200 que chegam, a metade volta sem conseguir entrar no mato. Quem entra, faz 20 gramas de ouro (quase NCz\$ 340) em três meses, sempre pega malária, passa fome, apanha dos companheiros e, muito freqüentemente, morre. Adalberto Santos, um português de 31 anos, escreveu um diário que ilustra bem a vida nos grotões (ler quadro).

Os grandes empresários do garimpo são cerca de mil pessoas. Chegaram primeiro e são os donos dos barrancos e dos pontos onde atracam as balsas. Na maioria ex-garimpeiros que enriqueceram, mas há muitos militares. Um relatório do SNI, entregue ao governador Jucá em dezembro, levantou suspeita sobre vários oficiais da Polícia Militar. Descobriu-se, depois, que alguns dos acusados eram da reserva remunerada do Exército, comissionados na PM roraimense. Mas em Boa Vista tudo passa como normal. Os comerciantes de equipamentos têm bons clientes, como os capitães Varela e Edgar Shuster, do Batalhão Especial de Fronteiras. Ou o

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

SOCIEDADE

capitão Beroci, da PM. Esta organização enfrentou várias acusações de corrupção. O comandante, major do Exército César Augusto Santos Rosa, foi demitido por Jucá em janeiro.

Os donos do garimpo, cidadãos empreendedores, abriram 63 pistas clandestinas para pequenos aviões no meio da mata. Contrataram o refúgio da aviação comercial brasileira, na maioria pilotos desesperados, suicidas - mas, sem dúvida, competentes. Só isto explica como conseguem operar nas pistas improvisadas com excesso de peso.

Do aeroporto de Boa Vista eles decolam para a pista da Funai na reserva Paapiu, o coração do garimpo. Para pousar, segundo voz-corrente, paga-se pedágio aos agentes protetores dos índios. Os soldados da Polícia Militar cobram a sua parte e fazem uma revista de mentirinha em busca de armas. A explicação da Funai para o uso da pista é que no Paapiu quem manda é o índio João Davi (não confundir com Davi yanomami, o ganhador do Prêmio Global 500). João Davi aceita dinheiro e presentes dos garimpeiros e permite a extração.



D. Aldo
Ano-Novo com a faca na garganta

As frentes garimpeiras internadas na mata, longe das pistas, se chocam com os garimpeiros mais arredios. Houve dezenas de casos de invasões de malocas, estupros de índias e mortes de lado a lado, que garimpeiros e pilotos tentam esconder. É assim, aos choques, com todo este apoio do governo, que os yanomamis se vão integrando à sociedade brasileira.

O garimpo tem dois inimigos jurados de morte: o bispo de Boa Vista, dom Aldo Mongiano, e o índio Davi. Dom Aldo sustenta há 12 anos que o governo pratica um deliberado ge-

nocídio yanomami. Ele passou o Ano-Novo com uma faca na garganta, ameaçado por três mascarados que invadiram sua casa. Nada roubaram e ele não foi ferido. A polícia ainda não sabe quem foram os assaltantes. A casa do bispo fica do outro lado da rua do Palácio do Governo.

Ao contrário do que se imagina, o garimpo tem poucas histórias de ganhadores. Basta um ganhador para despertar a ambição de milhares de pessoas. Estes são os perdedores. Exemplo: um garimpeiro dá duro na selva por três meses. Se tirar muito, tira 50 gramas. Dá metade ao patrão. Paga cinco à cantina e dez ao piloto. Chega na cidade com dez. Vai vendê-las numa das centenas de lojas existentes em Boa Vista, provavelmente será roubado no peso. Este intermediário que comprou dez gramas pelo peso de sete revende o produto aos investidores. Estes purificam o metal e o vendem nas Bolsas de Rio/São Paulo, para israelenses, americanos e japoneses. Quando o ouro completa esta viagem, o garimpeiro está outra vez na mata.

"Ele morreu há 20 minutos..."

Estes são trechos escolhidos do diário do garimpeiro Adalberto Santos. Português de Coimbra, 31 anos, há 14 no Brasil, Adalberto embrenhou-se na selva - sempre em áreas yanomamis - em 6 de setembro de 88, no Paapiu, passando pelo Pico da Neblina e saindo, em 6 de janeiro, pelo Catrimani. Em quatro meses de garimpo conseguiu 80 gramas de ouro, mas teve uma experiência traumática que o fez abandonar o garimpo: depois que alguns de seus companheiros invadiram uma aldeia e violaram índias, seu grupo foi perseguido e caçado pelos guerreiros yanomamis, em sangrentos choques, com várias mortes. Hoje Adalberto mora na periferia de Boa Vista, onde montou uma pequena oficina de lanternagem. Temendo represálias dos ex-companheiros, só anda armado.

7 de setembro - Foi nosso primeiro dia na mata. Chove e andamos a pé, do nascer do sol às 17 horas. "Baiano" veio avisar que os índios iriam nos atacar. Todo mundo carregou as armas e ficamos espe-

rando. Anoiteceu e eles não vieram. "Manso" ficou de vigia a noite toda.

8 de setembro - "Baiano" e três amigos dele encheram as cartuchейras de munição e disseram que iam pra maloca matar os índios. Éramos 12 pessoas, mas a maioria foi contra; mesmo assim eles foram. Ficamos trabalhando. À noite eles voltaram e contaram, rindo, como é que amarraram os índios e violaram as índias.

12 de setembro - Ao meio dia ouvimos uns tiros. Em seguida os yanomamis atacaram. Eu e mais quatro companheiros caímos nos grotões e fugimos pelo rio, correndo até a noite, só parando quando estávamos longe deles.

30 de setembro - Caminhamos 18 dias na mata. Chegamos ao campo "Mineiração" às 9h15. Contamos nossa história e graças a Deus ganhamos comida do cantineiro. Caímos na cama e dormimos até o outro dia.

1º de outubro - No dia seguinte o sócio da pista, chamado "Parazi-

nho", contou o resultado do ataque do dia 12: quatro índios morreram e todos os garimpeiros fugiram. Ai nós contamos a verdade sobre os motivos do ataque deles.

9 de outubro - Passamos os últimos seis dias tentando chegar na pista do Paapiu, mas estamos perdidos. Chegamos na pista União e pedimos comida.

20 de outubro - Agora estamos no garimpo do Raimundo Careca. O chefe aqui é um barbudo. Eles rou-



Garimpeiro Adalberto
Índios mortos, mulheres violentadas

baram algumas índias no Alto Catrimani e as violentaram.

16 de novembro - Após oito dias de caminhada chegamos ao Rio Tootobu. Paulinho Jacaré morreu picado por uma cobra.

21 de novembro - Hoje às 13 horas, quando passamos o rio Demini, na altura da cachoeira Tamandú, encontramos alguns cadáveres de índios. Eram três mulheres, dois rapazes e uma moça de talvez 15 anos. Notamos que perto havia uma maloca e tratamos de fugir. Às 2 da madrugada fomos surpreendidos por um numeroso grupo de índios. Quatro de meus amigos foram mortos. Arrastamos um dos nossos que estava ferido, mas ele morreu há 20 minutos.

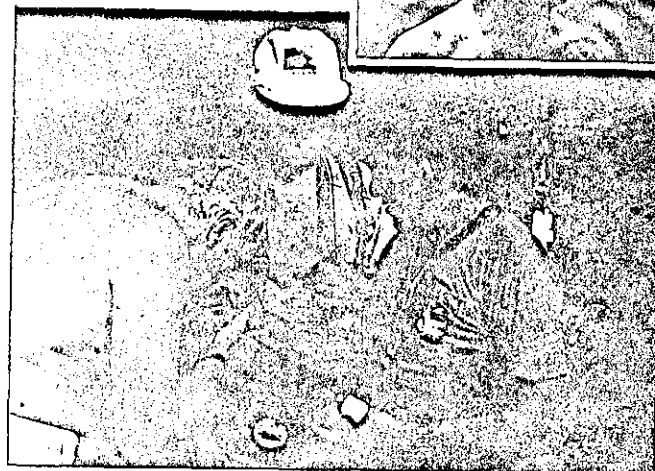
30 de novembro - Finalmente chegamos a uma pista na Serra Tapi-rapécó e fomos socorridos por agentes da Funai, que estavam acampados na pista. Somos apenas três dos 12 que entraram na mata pelo Catrimani. No dia 27 outros três morreram na Cachoeira do Estanho. O helicóptero nos levou até a pista do Pico da Neblina, onde vamos continuar tentando bamburrar.

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

FERNANDO PINTO DUVAL

Cheiro de iacuana

Mais moderno que Ves-
púcio ou Cabral, o luxuoso



Pierre Trudeau

Ganhou um cocar e uma cafunçada

Pierre Trudeau, ex-premier canadense, usou um canivete de excelente marca, em lugar de miçangas, para conquistar a simpatia de um índio. No caso, tratou-se do chefe Yanomami, Davi Kopenawa (Prêmio Global da ONU), que Trudeau visitou na Maloca Demini, no km 211 da Perimetral Norte. O ex-primeiro-ministro chegava de uma temporada carnavalesca no Rio e de Davi recebeu em troca um presente talvez tardio, e, decerto, menos criativo do que o canivete: um cocar. Em compensação teve a oportunidade de cheirar iacuana, a coca dos índios, pó alourado que favorece o pensamento positivo, ao menos momentaneamente.

TARCISIO MATTOS/SOMA